



DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DE UMA CRIANÇA SÍNDROME DE DOWN E SEUS DESAFIOS

Daniela Guimaraes Coelho

Everton Xavier

Mirella A. Vilas Boas

Orientador (a): Prof.^a .Ms. Érica Jorge.

RESUMO

A Síndrome de Down é umas das Síndromes mais populares existente, por estar sempre em evidencia na mídia. Aos olhos de muitos uma das síndromes mais aceitas pela sociedade. A inclusão de muitos no mercado de trabalho tem mostrado a população que a diferença não define aptidão. Mas um dos maiores problemas estão lá no começo no desenvolvimento intelectual, social (...) de uma criança com Síndrome de Down.

Palavras-chave: Síndrome de Down, desenvolvimento, inclusão.

Introdução

A inclusão escolar na rede pública de ensino traz à tona discussões pertinentes e constituintes deste novo paradigma social, principalmente para as crianças com Síndrome de Down, as quais têm seu processo de desenvolvimento cada vez mais estudado. O objetivo é verificar e analisar a interação social de crianças com Síndrome de Down na rede regular de educação infantil.

A Síndrome de Down é uma anomalia genética, têm suas características próprias, seu processo de desenvolvimento é lento, mas se feito com carinho e atenção poderemos ter resultados fantásticos. Como todo ser humano dito “normal”, o portador da Síndrome



de Down também tem suas diferenças e necessidades que em pouco tempo podem ser identificadas e atendidas, pelo menos em parte. Quando pensamos ou falamos em deficiências não podemos rotular esses indivíduos, porém, na maioria das vezes é o que acontece, isto porque a população de modo geral ainda sofre com a falta de informação.

Hoje já encontramos escolas de ensino regular que atendem indivíduos, portadores de alguma deficiência, sejam elas escolas municipais, estaduais ou redes privadas, mas também encontramos professores com muitas dúvidas e com dificuldades de realizar o seu trabalho de forma adequada. O objetivo mostrar que o processo de inclusão, necessita de muitos ajustes para que possa demonstrar uma evolução da cultura, defendendo que nenhuma criança deve ser separada das outras por apresentar alguma diferença ou necessidade especial. Além disso, esta integração assume a vantagem de existir reciprocidade entre crianças, procurando um desenvolvimento conjunto, com igualdade de oportunidades para todos e respeito à diversidade humana e cultural. O aluno com Síndrome de Down é muito carinhoso, necessita de estimulação e paciência dos profissionais, para que desenvolvam suas potencialidades. No entanto, os profissionais que trabalham em sala de aula do ensino regular devem estar bem preparados para receberem esses indivíduos, receber constantemente auxílio, informações e acompanhamento devido. O professor é o grande mediador neste processo de inclusão.

Quem são as crianças SD

Entre as características físicas associadas à síndrome de Down estão: olhos amendoados, maior propensão ao desenvolvimento de algumas doenças, hipotonia muscular e deficiência intelectual. Em geral, as crianças com síndrome de Down são menores em tamanho e seu desenvolvimento físico e mental são mais lento, do que o de outras crianças da sua idade.

Segundo Elizabeth Tunes (2004,p,11) (...)”síndrome de Down é, sem dúvida ,uma anomalia ,um defeito genético”.

Também é importante destacar que a síndrome de Down não é uma doença, e sim uma condição inerente à pessoa, portanto não se deve falar em tratamento ou cura.



Entretanto, como esta condição está associada a algumas questões de saúde que devem ser observadas desde o nascimento da criança.

As pessoas com síndrome de Down comumente estão mais vulneráveis a uma maior incidência de algumas doenças, como cardiopatias e problemas respiratórios.

EDUCAÇÃO INCLUSIVA NO BRASIL

Segundo Adriana Lia Frizman de LAPANE (2004, p,5):

“As políticas educacionais e os modos de funcionamento da educação refletem tendências que são geradas fora do sistema e que afetam instituições sociais. Por isso, a educação para todos não é uma questão que se refere apenas ao âmbito da educação, mas esta relacionada as políticas sociais” (...)

Seguindo os preceitos constitucionais de que toda criança tem direito inalienável à educação, a política na área da educação pública no Brasil nos últimos anos tem sido a inclusão dos estudantes com síndrome de Down e outros tipos de deficiência na rede regular de ensino, com um crescimento significativo do número de matrículas nos últimos anos. No entanto, nem sempre esta inclusão se dá de maneira satisfatória. Geralmente faltam recursos humanos e pedagógicos para atender às necessidades educacionais especiais dos alunos. Mas nota-se que esta prática é generalizada e não ocorre por discriminação. A escola pública brasileira tem que melhorar muito, e acreditamos que a prática inclusiva pode contribuir para alcançarmos uma escola de qualidade para todos. Algumas escolas particulares estão enfrentando dificuldades para modificar seu funcionamento e atender da melhor forma possível às necessidades de seus estudantes, com ou sem deficiência. No caso de pais de alunos com deficiência intelectual, os obstáculos aumentam – frequentemente, eles têm que pagar para que profissionais acompanhem seus filhos durante as aulas. Isso não está correto, assim como a postura de determinadas escolas que se recusam a matricular crianças e jovens com síndrome de Down alegando a falta de preparo para recebê-los. Segundo o Movimento Down: O artigo 8º da Lei 7.853/89, especifica que recusar a inscrição de um aluno em qualquer escola, seja pública ou privada, por motivos relacionados a qualquer deficiência, é crime. Além de receber uma multa, os diretores ou responsáveis pela escola que se negar a matricular pessoas com deficiência podem ser punidos com reclusão de um a quatro anos. Se a escola primária inclusiva no Brasil está apenas



engatinhando, o ensino médio e o superior constituem um grande desafio. Ao mesmo tempo em que os alunos com síndrome de Down vão finalmente encontrando espaços para progredir e avançar na sua educação, as escolas e universidades precisam se adequar a esta nova situação. É possível notar que cada vez mais jovens com síndrome de Down concluem o Ensino Médio, com ou sem adaptações curriculares.

Desafios da inclusão de alunos SD: Escolarização

Segundo Maria Cecília Rafael de Góes (2004, p, 69) “Na realidade brasileira atual, as formas de escolarização oferecidas a sujeitos com necessidades educacionais especiais podem abranger instituições especiais , classes especiais e a escola comum”.

De acordo com a lei 7.853, de 1989, os portadores de necessidades especiais têm direito à inclusão social. E no que dizem respeito à educação, os representantes de instituições que negarem a matrícula dessas pessoas podem ser punidos com reclusão de um a quatro anos e multa. Mas na prática o acesso ao ensino não é tão claro assim.

Matricular uma criança especial em escolas regulares exige muita dedicação e paciência, uma vez que não são topara pessoas com síndrome de Down. Além de transmitir conhecimentos acadêmicos, a escolarização é um passo fundamental no desenvolvimento psicoafetivo e no processo de socialização. Conviver com pessoas de diferentes origens e formações em uma escola regular e inclusiva pode ajudar ainda mais as pessoas com síndrome de Down a desenvolverem todas as suas capacidades.

Segundo TUNES (2003, p,60):

“Antigamente, acreditava-se que as pessoas com síndrome de Down nasciam com uma deficiência intelectual severa. Hoje, sabe-se que o desenvolvimento da criança depende fundamentalmente da estimulação precoce, do enriquecimento do ambiente no qual ela está inserida e do incentivo das pessoas que estão à sua volta. Com apoio e investimento na sua formação, os alunos com síndrome de Down, assim como quaisquer outros estudantes, têm capacidade de aprender”.

É importante destacar que cada estudante, independentemente de qualquer deficiência, tem um perfil único, com habilidades e dificuldades em determinadas áreas.



No entanto, algumas características associadas à síndrome de Down merecem a atenção de pais e professores, como o aprendizado em um ritmo mais lento, a dificuldade de concentração e de reter memórias de curto prazo.

Algumas sugestões para facilitar a aprendizagem de pessoas com deficiência intelectual: Educação infantil.

A Educação Infantil é muito importante para o desenvolvimento de qualquer pessoa. Os estímulos que uma criança recebe nos primeiros anos de vida vão interferir diretamente na sua trajetória escolar e no seu desenvolvimento futuro. A entrada da criança com síndrome de Down ou outras deficiências intelectuais na educação infantil regular costuma trazer resultados muito positivos, sobretudo se a instituição está preparada para promover a inclusão.

Crianças com síndrome de Down que se misturam com seus colegas sem deficiência beneficiam não só a si mesmas, mas também as outras crianças dessa comunidade. Enquanto aprendem com as crianças de desenvolvimento considerado normal, que servem como exemplos de comportamento e de conquistas apropriadas para cada idade, é possível que elas precisem de ajuda e apoio adicionais.

A maioria das crianças com síndrome de Down estará em um estágio de desenvolvimento social e emocional anterior aos de seus colegas devido às dificuldades de aprendizagem. Além disso, é mais difícil para elas absorver convenções de maneira intuitiva. Como consequência, seu entendimento de mundo será menos avançado e seu comportamento pode estar mais equilibrado com o de crianças mais novas.

Para qualquer criança, é muito mais difícil fazer progressos em áreas cognitivas até serem capazes de se comportar e interagir com os outros de uma maneira aceitável socialmente e de responder apropriadamente ao contexto imediato. O foco da ajuda e do apoio adicional nos primeiros anos deve assim, ser a aprendizagem de regras para o comportamento social normal e apropriado. Os objetivos da inclusão social para a criança pequena com síndrome de Down incluem:

Aprender a participar e interagir;

Dar retorno a pedidos verbais e instruções.;

Aprender padrões típicos de comportamento, por exemplo: Saber a sua vez, dividir, fazer fila, sentar;

Aprender a brincar em cooperação;



- Desenvolver independência: autoajuda e habilidades práticas;
- Desenvolver amizades;
- Preocupar-se com os outros.

Crianças com síndrome de Down frequentemente têm períodos de concentração menores que seus colegas. Também têm mais dificuldade em processar demandas por mais de um sentido por vez (por exemplo: copiar e ouvir), o que inibe sua habilidade de concentração. Essas dificuldades são particularmente aparentes nos primeiros anos e muitas crianças pequenas podem se distrair facilmente, flutuando de uma atividade para outra.

Quanto menos definida e mais informal for à situação, mais difícil será para a criança pequena canalizar a atenção para uma atividade que dure. Crianças com síndrome de Down respondem bem a estruturas e rotinas e são capazes de apreendê-las. Ensiná-las a rotina e a estrutura dos seus dias com o auxílio de sugestivos recursos visuais fortes e claros, como fotografias e objetos de referência, pode ajudá-las a aprender. Por esses meios, elas podem entender melhor seu ambiente, aprender o comportamento apropriado para situações e atividades específicas, e prever a próxima atividade. Dificuldades com a compreensão de explicações e instruções verbais também são superadas.

Conclusão

A tendência tem consistido em promover a integração, a participação e o combate à exclusão levando a uma reedificação do papel da educação especial e de todos os professores. Assim, a integração escolar, desde o seu início e até ao período atual, foi sofrendo diversos enfoques e provocando posições diferentes na comunidade educativa, verificando-se vários processos de integração:

- Colocar o aluno na escola com a ideia de que o contato com os outros produzirá a integração;
- O aluno é o eixo da integração beneficiando de apoio individualizado;
- Integração deve implicar todos os membros da escola



Desta forma, a diversidade passou a ser considerada como um fator enriquecedor na integração social, de forma a surgir outro conceito como “inclusão”. A inclusão tende a conferir a todos o devido atendimento, no respeito pela individualidade que a cada um é próprio. Se considerarmos a realidade das nossas escolas em geral, verificamos que esta integração/inclusão é muitas vezes conseguida só socialmente, verificando-se a colaboração e partilha entre alunos; outras vezes é funcional, quer dizer, a interação verifica-se apenas no espaço físico, não havendo ligação entre os alunos com necessidades educativas especiais e os outros. Para que a inclusão seja efetiva e positiva é necessário repensar as condições que as escolas dão a esta questão. As escolas devem ser renovadas para que possam responder aos diferentes desafios que incluem os portadores de deficiência.

Referências

- TUNES, Elizabeth; PIATINO Denize. **Cadê a Síndrome de Down que estava aqui?** O gato comeu... 2ªed –Campinas SP, 2003.
- GÓES, Maria Cecília Rafael de; LAPLANE, Adriana Lia Friszman de. **Política e Práticas de Educação Inclusiva.** Campinas SP,2004,